

USO POPULAR DAS PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE DA VÁRZEA, GARANHUNS-PE

*Josabete Salgueiro Bezerra de Carvalho; Jéssyca Dellinhães Lopes Martins; Maria da Conceição Soares Mendonça;
Leandro Dias de Lima*

RESUMO

As pesquisas etnobotânicas envolvem levantamentos nas sociedades tradicionais acerca do uso de vegetais na farmacopéia caseira, analisando também questões culturais e econômicas da população, assim como as interações do homem com o meio ambiente, sendo, importante a ampliação e incentivo de estudos etnobotânicos e etnofarmacológicos para o aumento do acervo de informações sobre plantas medicinais. Portanto o objetivo deste estudo foi verificar o conhecimento e uso de plantas medicinais na comunidade da Várzea, visando sistematizar esse conhecimento popular e obter informações botânicas sobre as espécies e as informações sócio-culturais da comunidade em estudo. Os dados da amostragem foram coletados através de entrevistas a 154 moradores. Os resultados revelaram que a comunidade utiliza uma grande diversidade de plantas medicinais, que geralmente são mais requisitadas para a cura de gripe e dor de barriga. A família Lamiaceae foi a mais representativa em número de espécies utilizadas como medicinais e as espécies mais citadas foram capim-santo, erva cidreira e hortelã da folha grande. As plantas são adquiridas principalmente nos quintais de casa, utilizadas basicamente na forma de chá, cuja parte da planta mais empregada são as folhas. Os moradores mostraram-se interessados na criação de uma horta comunitária para cultivo de plantas medicinais.

Palavras-chave: Fitoterapia, Etnobotânica, Garanhuns.

POPULAR USE OF MEDICINAL PLANTS IN COMMUNITY OF VÁRZEA, GARANHUNS-PE

ABSTRACT

The research ethnobotany involve surveys in traditional societies about vegetables use in the pharmacopoeia home, analyzing cultural and economic issues of the population, as well as the interaction between man and environment, being important, the extension and encourage the ethnobotanical and ethnopharmacological studies to increase the collections of information about medicinal plants. So, the aim of this work was to verify the knowledge and use of medicinal plants in the community of Várzea, to systematization the popular knowledge and to obtain botanical information about the species and socio-cultural information about the studied community. The data were collected through interviews with 154 residents. The results revealed that a community uses a wide diversity of medicinal plants, which are usually required to treat flu and stomachache. Lamiaceae family was the most representative in number of species used as medicine and the most cited species were grass-saint, lemon balm and large mint leaf. Plants are mainly collected in home gardens, used basically as tea, whose most used plant parts are the leaves. The residents were interested in the creation of a communitarian garden for cultivation of medicinal plants.

Keywords: Phytotherapy, Ethnobotany, Garanhuns.

INTRODUÇÃO

As pesquisas acerca da etnobotânica envolvem levantamentos nas sociedades tradicionais sobre o uso dos vegetais na farmacopéia caseira e questões culturais e econômicas da população, assim como as interações do homem com o meio ambiente. Os estudos com enfoque etnobotânico vêm crescendo no Brasil, demonstrando importância no resgate e valorização do saber popular, buscando intensificar sua disseminação entre os membros de diversas comunidades (Santos et al., 2008). Esses estudos em núcleos urbanos isolados ou em quintais de bairros populares, em comunidades urbanas da periferia dos grandes centros, são importantes, pois, nessas comunidades, ocorre o chamado cultivo “*ex situ*” de espécies locais que, muitas vezes, não ocorrem mais nas áreas naturais devido à interferência humana (Costa & Mayworm, 2011).

Os processos de globalização e urbanização ocasionam alterações culturais, causando, muitas vezes, perda de elementos de conhecimentos tradicionais importantes na sociedade (Hoeffel et al., 2011), enquanto os problemas sócio-econômicos e a desigualdade social levam a população a buscar alternativas e soluções que venham a melhorar a qualidade de vida das famílias mais carentes. Muitas comunidades têm, como alternativa viável para a manutenção da saúde e tratamento de doenças, o uso popular de plantas medicinais, onde esse uso pode ser efetivo não apenas em função de sua ação farmacológica, mas também devido ao significado cultural que lhes é atribuído (Hoeffel et al., 2011).

Nesse contexto, a fitoterapia possui raízes profundas no conhecimento popular que reconhece sua eficácia e legitimidade, apresentando grande potencial de desenvolvimento, considerando-se não somente a diversidade vegetal que o Brasil possui, mas também que o uso das plantas medicinais está intimamente ligado à cultura popular (Dutra, 2009). A fitoterapia possui várias vantagens, tais como baixíssima ocorrência de efeitos colaterais negativos, custo reduzido do tratamento e aumento do conhecimento da pessoa sobre a sua doença, que, assim, se torna

agente de sua própria saúde (Bevilaqua et al., 2007).

Atualmente, o alto custo dos medicamentos industrializados, as dificuldades da população em receber assistência médica e a tendência de uso de produtos de origem natural têm contribuído para o aumento da utilização das plantas como recurso medicinal (Badke et al., 2012). Dessa forma, o retorno ao natural é uma garantia de busca racional de melhores condições de saúde, com base no que a natureza oferece (Jacoby et al., 2002), havendo, portanto, crescente interesse acadêmico pela medicina tradicional, pois o reconhecimento de que a base empírica pode ter comprovação científica, vinda do conhecimento dos povos tradicionais, fornece subsídios para estratégias de manejo e uso adequado de determinados ambientes (Oliveira et al., 2010). Portanto, a preservação deste conhecimento e suas técnicas terapêuticas é uma maneira de deixar registrado um modo de aprendizado informal que contribui para a valorização da medicina popular (Pilla et al., 2006).

Portanto, é importante a ampliação e incentivo de estudos etnobotânicos e etnofarmacológicos para o aumento do acervo de informações sobre plantas medicinais (Firmo et al., 2011), pois informações técnicas que garantam a qualidade, eficácia e segurança do uso das mesmas, ainda são insuficientes (Arnos et al., 2005.).

Diante da situação sócio-econômica da comunidade da Várzea, alvo deste estudo, onde boa parte das famílias tem como principal fonte de recurso financeiro a transferência de renda financiada pelos programas do Governo Federal, a conservação de suas práticas medicinais populares poderia ser estratégica. Além disso, em estudos etnobotânicos, a indicação das espécies mais usadas e sua relevância podem fornecer subsídios para estudos etnofarmacológicos que possam vir a demonstrar, do ponto de vista farmacológico, a eficácia de seus princípios ativos e propiciar maior segurança no uso dos recursos vegetais locais.

Portanto, o objetivo deste estudo foi de verificar o conhecimento e uso de plantas medicinais na comunidade da Várzea, visando sistematizar esse conhecimento popular e obter informações botânicas sobre as espécies e

informações socioculturais da comunidade em estudo, promovendo a integração entre o conhecimento original da comunidade e aquele advindo dos meios acadêmicos.

MATERIAL E MÉTODO

Caracterização da área de estudo

O trabalho foi realizado na comunidade da Várzea, município de Garanhuns, (latitude 08°53'25" e longitude 36°29'34"), situado no Agreste Meridional de Pernambuco, com altitude média de 896m, temperatura média anual de 20°C, umidade relativa do ar que varia entre 75 a 83% e clima predominante quente e úmido (Andrade et al., 2008). A comunidade da Várzea compõe-se de 430 (quatrocentos e trinta) famílias cadastradas no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS.

Métodos de campo e laboratório

O trabalho de campo foi realizado no período de maio a julho de 2007, utilizando-se entrevistas com questionários semi-estruturados (Bernard, 2006), cujo critério para escolha foi à disponibilidade dos participantes em responder as perguntas. Os moradores foram questionados sobre as plantas conhecidas, motivo para uso, obtenção, forma de preparo e utilização, forma de cultivo e interesse em cultivar uma horta medicinal comunitária. Durante as entrevistas, as plantas citadas como medicinais foram coletadas nos locais indicados pelos moradores e as espécies foram levadas ao laboratório de biologia da Unidade Acadêmica de Garanhuns para identificação. O estudo de identificação taxonômica foi feito através de um roteiro para descrição de amostras vegetais, onde foram analisados os caracteres morfológicos das folhas e flores com o auxílio de pinças, estiletes e lupa e, também, foram identificadas por comparação com exemplares do herbário da Universidade Federal Rural de Pernambuco e literatura especializada. Foram utilizadas chaves dicotômicas para identificação das famílias (Joly, 1975; Agarez et al., 1994; Souza et al., 2005). O sistema de classificação adotado foi o de Cronquist (1988).

As frequências relativas das plantas foram baseadas em Amorozo & Gely (1988), calculadas da seguinte forma: $FR = \frac{NTI}{n} \times 100$

(%), onde $NTI = \frac{n}{n}$ total de informações e $n = n$ de citações/categoria ($n = 155$). Apenas as plantas que apresentaram frequência de citação $\geq 5\%$ foram consideradas neste trabalho.

RESULTADO E DISCUSSÃO

As entrevistas foram realizadas com 154 moradores (18 homens e 136 mulheres), cuja maioria advém de área rural e sobrevivem de serviços do campo. Constatou-se que a população apresenta baixo nível de escolaridade, sendo mais de 30% de analfabetos. O levantamento de Marinho et al. (2011), no município de São José de Espinharas/PB, corrobora com esses resultados. Em levantamento realizado por Oliveira & Menini Neto (2012), o baixo nível de escolaridade dos moradores do povoado de Manejo, em Lima Duarte-MG, estaria relacionado a participação nos trabalhos agrícolas, que teriam inviabilizado a continuidade dos estudos. Mais de 90% dos moradores da comunidade da Várzea utilizam plantas medicinais para fins terapêuticos. O mesmo foi encontrado em outros levantamentos etnobotânicos por Silva (2005), na comunidade de São João, em Palmares/PE, e por Andrade (2004) no município de Amaraji/PE. A maior parte dos moradores (79%) informou que não utiliza plantas sem conhecer a origem e a eficácia, porém. Os moradores da Várzea (80%) relatam que só fazem uso das plantas medicinais quando estão doentes e que sempre obtêm resultados satisfatórios com o tratamento. Moradores do povoado de Manejo em Lima Duarte-MG afirmaram fazer uso das mesmas sempre que preciso, alegando também que as plantas não fazem mal à saúde (Oliveira & Menini Neto, 2012). Arnous et al. (2005) também observaram que a maioria dos entrevistados, em Dantas-MG, acreditam que o tratamento com plantas medicinais é eficaz e as cultivam em seus quintais e jardins.

Foram identificadas diversas formas de utilização (infusão, decocção, xaropes, banhos), porém, a mais frequente é em forma de chá, havendo preferência pelas folhas (82,45%). O mesmo observado por Costa & Mayworm (2011) em Extrema/MG, Oliveira et al. (2010)

nas comunidades rurais de Oeiras/PI, Albertasse et al. (2010) em Vila Velha/ES, Mosca & Loiola (2009) no Rio Grande do Norte e Pinto et al. (2006) em comunidades rurais em Itacaré/BA. Essa prática pode está ligada ao conhecimento adquirido por meio da oralidade, o qual é passado de geração a geração (Ritter et al., 2002), assim como a abundância e facilidade de uso das folhas, em detrimento de outras partes da planta, e também a confiança na eficácia da aplicação por via tópica entre os entrevistados que sofrem de alguma enfermidade (Santos et al., 2008). As plantas são cultivadas principalmente sob a forma de mudas (38,31%), galhos (34,41%) e sementes (11,69%). Quanto à aquisição das plantas, 71% conseguem no quintal da própria casa, de vizinhos ou parentes. Resultados semelhantes foram observados por Marinho et al. (2011), Oliveira et al. (2010), Mosca & Loiola (2009), Pinto et al. (2006) e Arnous et al. (2005).

As plantas identificadas pertencem a 30 famílias botânicas e a 45 espécies (Tabela 1),

cujas espécies mais representativas são da família Poaceae, como o capim-santo (*Cymbopogon citratus* Stapf.), com uma frequência relativa de 68%, e as da família Lamiaceae, como a erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.) e a hortelã-da-folha-grande (*Marrubium vulgare* L.) com frequências relativas de 66 e 50% respectivamente. Oliveira & Menini Neto (2012) constataram que no povoado de Manejo, em Lima Duarte-MG, as famílias botânicas mais representativas foram a Asteraceae e Lamiaceae, justificando sua maior frequência de uso, em função de serem famílias cosmopolitas com espécies de ampla adaptação, tanto em ambientes tropicais quanto temperados. Cunha e Bortolotto (2011) observaram que as famílias mais representativas foram Fabaceae, Asteraceae e Lamiaceae em Anastácio/MT, enquanto Pinto et al. (2006) e Teixeira & Melo (2006), em Jupi-PE, observaram maior uso de espécies da família Lamiaceae.

TABELA 1. Plantas medicinais mais utilizadas pelos moradores da comunidade da Várzea, Garanhuns-PE. FR%: frequência relativa. Origem: Ex- exótica; Nat- nativa.

Família/Nome científico	Nome vulgar	Origem	FR%
Alliaceae			
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola-branca	Ex	18,06
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Ex	12,9
Amaranthaceae			
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze.	Acônico, acônito	Nat	25,80
Anacardiaceae			
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão.	Aroeira, arueira	Nat	18,06
Apiaceae			
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	Ex	14,19
Asteraceae			
<i>Chrysanthemum parthenium</i> (L.) Bernh.	Anador, Artemisia		7,74
Brassicaceae			
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião		5,16
Bromeliaceae			
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi, casca abacaxi	Nat	10,97
Capparaceae			
<i>Cleomes pinosa</i> Jacq.	Muçambê	Ex	10,32
Chenopodiaceae			
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba		6,45
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz, mentruz	Nat	40,00
Crassulaceae			
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) O. Ken	Pratudo, pratudi		10,32
Cucurbitaceae			
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	Nat	7,10
Euphorbiaceae			
<i>Phyllanthus amarus</i> Schum.&Thonn.	Quebra-pedra	Ex	14,19
Lamiaceae			
<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poit.	Sambamcaité, fazema-de-cabloco		27,74

<i>Marrubium vulgare</i> L.	Hortelã-grande, artelã-grandão		50,32
<i>Melissa officinalis</i> L.	Ervá-cidreira, cidreira, vá-cidreira	Ex	66,45
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã-miúda, média, pequena, artelã-miúda	Ex	48,38
<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelã-pimenta, confeito, poejo, artelã-pimenta, hortelã-amarga	Ex	20,00
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Ex	25,16
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçã-branco	Ex	9,03
Lauraceae			
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela, canela-do-Pará	Ex	8,39
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	Ex	7,74
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Ex	15,48
Leguminosae			
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Nat	8,39
Lythraceae			
<i>Punica granatum</i> L.	Rumã, romã	Ex	5,8
Malphygiaceae			
<i>Malpighia glabra</i>	Acerola	Ex	9,68
Monimiaceae			
<i>Peumus boldus</i> Molina.	Boldo-do-Chile, boldo	Ex	19,35
Musaceae			
<i>Musa</i> spp.	Banana-prata, bananeira, mangará.	Ex	6,45
Myrtaceae			
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto, acalipi, alcalipi		23,22
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Nat	12,26
<i>Psidium guajava</i> L.	Folha-da-goiaabeira, goiaba-branca	Nat	9,03
Oxalidaceae			
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Ex	5,16
Poaceae			
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Capim-santo	Ex	67,74
Rubiaceae			
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Meyer	Vassourinha-branca, vassoura-de-botão vassourinha-de-bruxa	Nat	5,8
Rutaceae			
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Ex	25,80
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. F.	Limão	Ex	9,68
<i>Citrus</i> sp.	Laranjeira	Ex	9,03
Sambucaceae			
<i>Sambucus australis</i> Cham. &Schltdl.	Sabugueira	Nat	41,29
Sapotaceae			
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. &Schult.) T. D. Penn.	Quixaba, quixabeira		10,97
Xanthorrhoeaceae			
<i>Aloe vera</i> L.	Babosa	Ex	10,32
Zingiberaceae			
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt & R.M. Smith.	Colônia	Ex	6,45
<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	Gengibre	Ex	9,03
Indeterminada			
-----	Federação		12,26
-----	Acansu,acansul, alcansu		7,10

Na área estudada, foram relatadas como medicinais várias espécies consideradas tóxicas, como arruda (*Ruta graveolens* L.) e babosa (*Aloe vera* L.), onde Ritter et al. (2002) as reconheceu como tóxicas em pesquisa com plantas utilizadas como medicinais no município de Ipê-RS, além do alecrim

(*Rosmarinus officinalis* L.) e sabugueira (*Sambucus australis* Cham. & Schltdl), que podem causar irritações gastrointestinais quando ingeridas em doses elevadas (Junior et al., 2005). Cabe ressaltar que uma planta pode tornar-se tóxica para o organismo dependendo da quantidade, forma de administração, mistura

e frequência de uso (Dutra, 2009). Essa falta de padronização ou desconhecimento acerca da dosagem e quantidades empregadas no preparo de medicamentos com as plantas medicinais pode reduzir a eficácia ou até mesmo ser fonte de reações adversas advindas do uso mal administrado (Oliveira & Menini Neto, 2012).

Em relação às indicações terapêuticas, os moradores da comunidade da Várzea referem-se a diferentes usos como sintoma de determinada doença (dor de cabeça, dor de barriga) e não a doença propriamente dita. Outros afirmam que a própria doença é alvo da indicação (gastrite). Na figura 1 observa-se que as plantas medicinais utilizadas são principalmente para indicação de gripe (70,12%) e dor de barriga (50,65%). Resultados semelhante foram observados por Oliveira et al. (2010) e Mosca & Loiola (2009).

Verificou-se que mais de 90% dos entrevistados apreciaram a ideia de criar uma horta medicinal comunitária e se mostraram entusiasmados com o assunto. Corroboram com estes resultados os moradores entrevistados nos estudos de Arnous et al. (2005) no município de Dantas-MG. O cultivo de uma horta medicinal surge com o envolvimento de conhecimentos advindo da própria comunidade na aragem do solo, regas, semeio e distribuição das plantas, além da transmissão de saberes de gerações em gerações. (Arnous et al., 2005). Oliveira & Menini Neto (2012) afirmam que a perspectiva da construção de uma horta medicinal mantém a tradição do emprego das plantas medicinais nas futuras gerações da comunidade.

Constatou-se que a comunidade da Várzea utiliza grande diversidade de plantas medicinais, as quais geralmente são mais requisitadas para a cura de gripe e dor de barriga, tornado-se necessário estudos acerca da ação farmacológica que comprovem a eficácia terapêutica dessas espécies. A família Lamiaceae foi a mais representativa em número de espécies utilizadas como medicinais e as espécies mais citadas foram o capim santo, erva cidreira e hortelã da folha grande. As plantas são adquiridas principalmente nos quintais de casa, utilizadas basicamente na forma de chá, cuja parte da planta mais empregada são as folhas.

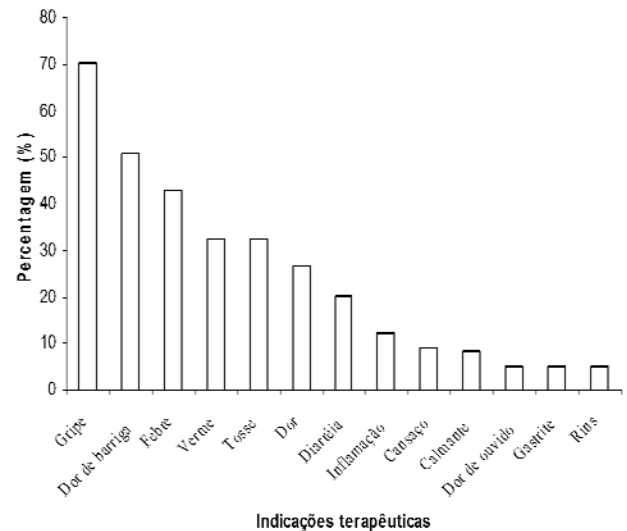


FIGURA 1. Frequência de enfermidades mais comuns nos tratamentos com plantas medicinais na Várzea, Garanhuns, PE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAREZ, F.V. PEREIRA, C.; RIZZINI, C.M. *Botânica: taxonomia, morfologia e reprodução dos angiospermae: chaves para determinação das famílias*. 2.ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1994. 243p.
- ALBERTASSE, L. D.; THOMAZ, L.D.; ANDRADE, M.A. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.12, n.3, p. 250–260, 2010.
- AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barbacena, Pará, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica*, v.4, n.1, p.47-131, 1988.
- ANDRADE, A.R.S., PAIXÃO, F.J.R., AZEVEDO, C.A.V., GOUVEIA, J.P.G., OLIVEIRA JÚNIOR, J.A.S. Estudo do comportamento de períodos secos e chuvosos no município Garanhuns, PE, para fins de planejamento agrícola. *Pesquisa Aplicada & Agrotecnologia*, v.1, p. 54-61, 2008.
- ANDRADE, R.J.T. *As plantas medicinais utilizadas pela comunidade do município de Amaraji-PE*. 2004. 28p. Monografia (Especialização em Biologia) - Universidade Federal de Lavras, Lavras.
- ARNOUS, A.H.; SANTOS, A.S.; BEINNER, R.P.C. Plantas medicinais de uso caseiro-conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. *Revista Espaço Para a Saúde*, v.6, n.2, p.1-6, 2005.
- BADKE, M.R.; BUDÓ, M.L.D.; ALVIM, N.A.T.; ZANETTI, G.D.; HEISLER, E.V. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. *Texto & Contexto Enfermagem*, v.21, n.2, p.363-370, 2012.
- BERNARD, H.R. *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. 4.ed. USA: Altamira Press, 2006. 824p.
- BEVILAQUA, G. A. P.; SCHIEDECK, G.; SCHWENGBER, J. E. *Identificação e tecnologia de plantas medicinais da flora de clima temperado*. Circular Técnica 61. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento: Pelotas, 2007.
- COSTA, V.P; MAYWORM, M.A.S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botucatu, v.13, n.3, 2011.
- CRONQUIST, A. *The evolution and classification of flowering plants*. New York: The New York Botanical Garden, 1988. 555p.
- CUNHA, S.A.; BORTOLOTTI, I.M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.25, n.3, p.685-698, 2011.
- DUTRA, M. G. *Plantas medicinais, fitoterápicos e saúde pública: um diagnóstico situacional em Anápolis, Goiás*. 2009. 112 p. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) Centro Universitário de Anápolis UniEvangélica, Anápolis.
- FIRMO, W.C.A. et al. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v.18, n. especial, 2011.
- HOEFFEL, J. L. M.; GONÇALVES, N.M.; FADINI, A.A.B.; SEIXAS, S.R.C. Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais nas APAS'S Cantareira/SP e Fernão Dias/MG. *Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade*. N.1, 2011.
- JACOBY, C. et al. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, município de Irati, PR. *Revista Ciências Exatas e Naturais*, v.4, n.1, p.79-89, 2002.
- JOLY, A.B. *Botânica: chaves de identificação das famílias de plantas vasculares que ocorrem*

- no Brasil. 2.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975. 159p.
- MAIOLI-AZEVEDO, V, FONSECA-KRUEL, V. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. *Acta Botanica Brasilica*, v.21, p.263-275, 2007.
- MARINHO, M.G.V; SILVA, C.C; ANDRADE, L.H.C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botucatu, v.13, n.2, p. 170-182, 2011.
- MOSCA, V.P.; LOIOLA, M.I.B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. *Revista Caatinga*, v.22, p.225-234, 2009.
- OLIVEIRA, F.C.S.; BARROS, R.F.M.; MOITA-NETO, J.M. Plantas medicinais utilizada em comunidades rurais de Oeiras, semi-árido piauiense. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.12, n.3, p.282-301, 2010.
- OLIVEIRA, E.R; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botucatu, v.14, n.2, p. 311-320, 2012.
- PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M. & FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.20, p.789-802, 2006.
- PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas Medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA. *Acta Botanica Brasilica*, v.20, n.4, p.751-62, 2006.
- RITTER, M.R. et al. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v.12, p.51-62, 2002.
- SANTOS, J.F.L.; AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C. Uso de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.10, n.3, p.67-81, 2008.
- SILVA, E. da. *Utilização da hortelã da folha miúda (Mentha piperita L.) na comunidade de São Sebastião - Palmares/PE*. 2005. 27p. Monografia (Especialização em Ciências Biológicas) - Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul/FAMASUL, Palmares.
- SOUZA, V.C.; LORENZI, H. *Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II*. São Paulo: Nova Odessa, Instituto Plantarum, 2005. 703p.
- TEIXEIRA, S.A.; MELO, M.I.J. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. *Revista Iheringia, série botânica*, n.61, p.5-11, 2006.
-
- Josabete Salgueiro Bezerra de Carvalho
Profa. de Fisiologia Vegetal da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Garanhuns.
- Jéssyca Dellinhaires Lopes Martins
Aluna do curso de mestrado em produção agrícola da UFRPE/UAG.
- Maria da Conceição Soares Mendonça
Técnica em Laboratório da UFRPE/UAG
- Leandro Dias de Lima
Aluno do curso de Agronomia da UFRPE/UAG